



Movimentos sociais em rede: do medo ao espaço de autonomia no século XXI

Networked social movements: From fear to the autonomy space in the 21st century

CASTELLS, M. 2012. *Networks of outrage and hope – social movements in the internet age*. Cambridge, Polity Press, 200 p.

Carla Mendonça¹
cetiene@gmail.com

A academia e a mídia continuam negando o importante papel da internet e das redes de comunicação sem fio nos movimentos sociais deste início de século. Nesse trecho do capítulo “Networked Social Movements: an emerging pattern?” de seu livro *Networks of Outrage and Hope – Social Movements in the Internet Age*, Manuel Castells pede atenção aos novos processos de comunicação, cultura e poder que ocorrem no núcleo da sociedade em rede que estuda há décadas.

Ele analisa as insurgências que espocaram nesse início de século – entre 2009 e 2011 –, sacudindo o globo, em capítulos dispostos em ordem cronológica. Movimentos do Oriente Médio, da Europa e dos Estados Unidos são detalhados em sua formação, sua dinâmica, seus valores e suas perspectivas de transformação social.

Em todos, descreve o autor, havia primeiro uns poucos, que atraíram centenas, que, em rede com milhares, receberam o apoio de milhões. A raiva venceu o medo, e o entusiasmo formado na segurança do ciberespaço levou à ocupação do espaço público. Dispostos ao risco, esses indivíduos conectaram-se e expressaram sua indignação contra a injustiça. É no ritmo desse parágrafo que Castells constrói o livro. A obra traz menos referências do que as anteriores, apresenta o entusiasmo no pensamento do escritor, é um texto para o público geral, para todos que desejem compreender o fenômeno.

A análise é baseada em seu livro *Communication Power* (2009) e busca na Sociologia, na Ciência Política, na Psicologia, na Comunicação e na Neurociência ferramentas para a explicação e compreensão do fenômeno. Vai do estruturalismo da teoria e metodologia de redes às interações comunicativas para explicar a origem dos novos movimentos e a mudança social. Na obra de 2009, Castells apresenta pelo menos dois conceitos fundamentais a este novo trabalho: o de poder e o de autocomunicação de massa.

Da Teoria da Inteligência Emocional da Psicologia vem a explicação da formação dos movimentos sociais. Ele afirma que, no nível dos indivíduos, os movimentos sociais são movimentos emocionais. No entanto, salienta que as raízes dos movimentos sociais, os problemas sociais, são diferentes do seu nascimento. O nas-

¹ Doutora em Ciências Sociais, professora e gerente de Relações Internacionais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Av. Unisinos, 950, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil.

cimento é resultado de emoções de indivíduos que se reúnem em redes para trocar ideias por meio de processos de comunicação.

Uma sequência de sentimentos marca o processo emocional que leva os indivíduos da repressão – o medo – ao gatilho – a raiva. Medo, entusiasmo, esperança, ansiedade e raiva promovem a identificação de indivíduos com outros indivíduos, que acabam se conectando por meio de processos de comunicação. Quando esses processos de comunicação induzem a ação coletiva e a esperança de mudança, prevalece o entusiasmo. Indivíduos entusiasmados e em rede superam o medo e transformam-se em ator coletivo consciente.

Assim, o movimento social é resultado da ação comunicativa, promovida pelas conexões entre as redes neurais dos cérebros humanos estimulados pelos sinais de um ambiente comunicativo nas redes de comunicação. Nesse processo, os indivíduos vão da raiva à ação, e, quanto mais interativo é o processo de comunicação, menos hierárquica e mais participativa é essa ação coletiva.

É aqui que entra o papel fundamental da tecnologia nos movimentos sobre os quais o autor se debruça e aparece o seu conceito de autocomunicação de massa. Baseada em redes horizontais de comunicação interativa, tendo a internet e as redes sem fio como plataformas tecnológicas, essa nova forma de comunicação é fundamental no núcleo da sociedade em rede, é a estrutura onde os movimentos sociais do século 21 se formam.

O autor salienta que nenhuma tecnologia é fonte de causalidade social. A comunicação é que é fundamental e, na sociedade atual, ela é horizontal, interativa e em larga escala porque é possibilitada pelas plataformas digitais. Essas plataformas são ferramentas decisivas para a mobilização, a organização, a deliberação, a coordenação e a decisão dos movimentos sociais em rede. Para Castells, esses novos movimentos vivem e agem por elas, refletindo a cultura da sociedade em rede.

Nesse ponto, o livro deixa uma questão em aberto. Os movimentos sociais em rede nascem das emoções dos indivíduos que se identificam com outros indivíduos por meios dos processos de comunicação e se encorajam para a ação. Castells coloca a autocomunicação de massa como a principal plataforma desse processo. Apesar de tratar das interações comunicativas entre os indivíduos e chegar a citar a comunicação interpessoal, o autor não analisa as interações microssociais do processo, nem seu conteúdo. Ele salta da identificação entre as emoções para os resultados de um processo de comunicação mediada, estrutural.

Outro conceito, o de poder, é fundamental para a compreensão do objeto analisado. Relações de poder constituem a sociedade, estão incrustadas principalmente no Estado. Nas flexíveis e mutáveis configurações das redes, o Estado e os sistemas políticos ainda têm lugar proeminente. Usando o paradigma weberiano, Castells lembra que o Estado tem o monopólio do uso da força. O Estado é a rede-padrão que rege o funcionamento de todas as outras redes.

Para o autor, aqueles que têm poder constroem as instituições da sociedade de acordo com seus valores e interesses, e o poder é exercido por coerção e pela construção de significados

por meio de mecanismos de manipulação simbólica. A construção de significados nas mentes das pessoas é a mais decisiva e estável fonte de poder. A luta fundamental pelo poder é a batalha pela construção desses significados.

Aqui, ele busca o pensamento de Foucault e destaca que as sociedades são contraditórias e conflitivas e que o poder sempre produz resistência, o contrapoder. Nele, está a capacidade dos atores sociais de desafiar o poder nas instituições reivindicando representação para seus próprios valores e interesses e reprogramando redes.

É com esses recursos teóricos que ele busca compreender e explicar os movimentos atuais. Quer saber de onde vêm, como se formam, quais são seus valores, o que têm em comum, quais suas perspectivas. Para isso, observou, entrevistou e reuniu dados secundários.

Castells esclarece que todos os movimentos sociais têm causas estruturais e razões individuais para se levantarem contra uma ou muitas dimensões da dominação social. Como são compostos de indivíduos, são detonados por emoções derivadas de eventos significativos que os levam a superar o medo e a desafiar o poder, mesmo sob o perigo inerente à ação. Os movimentos sociais são atores principais da resistência, do contrapoder.

No entanto, pergunta como essas redes negociam a diversidade de interesses e valores para focar um objetivo; como se identificam com a sociedade; como e por que essa conexão funciona em um grande número de casos, ativando indivíduos a ampliar a rede formada para resistir à dominação e engajar-se em um assalto multimodal contra uma ordem.

Castells identifica que os recentes movimentos sociais têm raízes em uma crise econômica estrutural e em outra de confiança e legitimidade. Explica que a morfologia das novas redes de comunicação digital, geradas pela mudança tecnológica e pelo surgimento da autocomunicação de massa, define a forma de mobilização e de mudança social na era da internet. Assim, a autocomunicação de massa é ferramenta de resistência e contrapoder.

Esses movimentos sociais são altamente dependentes dessa comunicação autônoma livre do controle do Estado ou de corporações. O que os faz absolutamente novos é sua natureza híbrida: usam extensivamente as ferramentas *online*, mas a ocupação física do espaço urbano tem a mesma importância. Sua nova esfera pública, em termos habermasianos, é híbrida, digital e urbana, um espaço de comunicação autônoma.

Assim, o autor encontra características comuns, um tipo ideal, dos movimentos sociais que sacodem o globo. Eles ocorrem em rede: *online* e *off-line*, movimentos novos conectam-se a preexistentes. São espaços para autonomia individual; espontâneos; virais; locais e globais; autorreflexivos; cosmopolitas em sua identidade; horizontais e com sentimento de proximidade entre os indivíduos; e pouco vulneráveis à repressão. Não têm liderança ou controle centralizado; rejeitam políticos e partidos; raramente são movimentos programáticos. Ocupam o espaço urbano; têm tempo intemporal; promovem a desobediência civil pacífica; buscam mudança de valores. São políticos em seu senso fundamental.

O autor tenta compreender qual é o papel, nesses movimentos, das ideias, das ideologias e das propostas programáticas, tradicionalmente consideradas o material da mudança social. Para ele, elas guiam a passagem da ação coletiva formada nas emoções dos indivíduos à deliberação e construção de um projeto.

Ele admite que essa é uma passagem crítica da esperança à implementação da mudança e que depende da permeabilidade das instituições políticas às demandas dos movimentos e da disposição dos movimentos a se engajarem em um processo de negociação. Para que as redes de contrapoder prevaleçam sobre as redes de poder na sociedade, precisam ser capazes de reprogramar a política, a economia, a cultura, introduzindo novas estruturas nos programas das instituições.

Nesses movimentos recentes, Castells identifica uma nova utopia: a da autonomia do indivíduo em relação às instituições da sociedade. Autonomia como a capacidade do ator social de tornar-se sujeito de sua própria ação e construir projetos de acordo com seus próprios valores e interesses e independentemente das instituições.

Assim, uma velha aspiração da humanidade continua viva no coração da cultura da sociedade em rede: a da democracia. O autor sugere que esses movimentos já tenham um legado: a reivindicação da reinvenção da democracia, nunca realmente alcançada. Não reconhecem a legitimidade da democracia repre-

sentativa como é hoje, querem suas próprias maneiras e significados de autogoverno, de administrar coletivamente suas vidas de acordo com princípios largamente compartilhados em suas mentes e em suas experiências cotidianas.

De qualquer forma, para Castells, a transformação cultural da sociedade é realidade e está baseada na autonomia e na individualização. A internet oferece a plataforma organizacional de comunicação que traduz a cultura da liberdade e da autonomia. Liberdade no nível societal e individualização no nível dos atores sociais induzem as redes da internet e os movimentos sociais em rede.

Castells mostra todo o otimismo que lhe é característico em *Networks of Outrage and Hope*. Ele faz transbordar suas próprias indignação e esperança, afirma que os movimentos sociais da sociedade em rede são os precursores da mudança social neste século. No entanto, costuma enfatizar que observa e analisa e que não faz previsões. Ele admite que ainda é cedo para se construir uma interpretação acadêmica sistemática deles, que pretende apenas elaborar hipóteses, e que eles representam mais um despertar de consciência do que políticas programáticas. A mudança das instituições é outra incógnita. De qualquer forma, reúne suas ferramentas teóricas e metodológicas e elabora uma explicação dos movimentos sociais que não pode passar despercebida pelos cientistas sociais interessados no tema.